

Três narrativas sobre futebol

Juliano Klevanskis

Juliano Klevanskis Candido possui mestrado em General History pela University of Haifa (2010) e graduação em Relações Internacionais pela PUC-Minas (2004). É autor do livro de contos *Novos fármacos & outras histórias* (Belo Horizonte: Scriptum, 2019).

É pesquisador do Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG e membro do Instituto Histórico Israelita Mineiro, desde 2011. Atualmente, é doutorando em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da UFMG, onde desenvolve pesquisas com ênfase em temas sobre o Hebraico Bíblico e Moderno, a Literatura Israelense, a Literatura Judaica e a Cabala.

Os inéditos aqui apresentados são três narrativas poéticas, com destaque para o ritmo em diálogo com o campo do jogo, sobre o rebaixamento do Cruzeiro à Série B do Campeonato Brasileiro, em 2019, sobre o craque Mané Garrincha e a extraordinária Marta, intituladas, respectivamente, “Sonho Azul nunca morre”, “Mané Garrincha e a bola” e “Marta e a bola”.



Sonho Azul nunca morre

I - O primeiro jogo

Bastante motivado, após sete anos morando no exterior, ele assistiria ao jogo do Cruzeiro. Participou da bebedeira pré-jogo e entrou no estádio. Ela estava ali, sentada na arquibancada, procurando se esquivar dos olhares galanteadores; por ser bela e jovem fá-los suspirar de satisfação.

II - A paixão

As jogadas bonitas eram raras. Após vinte e dois minutos, um gol estranho e inusitado contra o gol de Fábio. Mas ele não se sentiu mal pois ela estava ali, amenizando toda a situação: o time seria rebaixado pela primeira vez na história. Com Thiago Neves, Dedé, Fred, Robinho e Pedro Rocha.

Entraram outros gols, e a partir de então, a torcida, enorme massa, xingava e quebrava cadeiras. Instantes tensos. O espaço ficou apertado, explodiam gases na arquibancada. O calor era forte. Em meio à confusão, ele pousou os braços crescidos e velhos para protegê-la, mas, sem perceber, um fogo de artifício raspou no rosto dela e lágrimas começaram a cair. A multidão se desesperava, num movimento inexorável e irreversível da vida. Ele era ela, ela era ele. Ele faria de tudo para protegê-la, ela se agarraria a qualquer coisa para sobreviver. Foi uma confusão de olhos, dentes, mãos, pés.

III - O rebaixamento

A vida se reduziu, sentiam o coração vazio, julgavam não precisar de outras pessoas, nada mais lhes bastavam. O sol os aquecia, namoravam a lua, mas era apenas astros em suas funções. O que realmente lhes importavam as cinco estrelas do Cruzeiro. Olhando para o futuro, planejaram a compra de todos os jogos da série B no Mineirão. Decidido!

A vida reserva ternura em alguns momentos e com a mesma habilidade constrói sonhos; ora, desconsertadamente, ora descuidadamente, ora amotinadamente. O sonho era voltar à série A. Na série B, chegaram ao fim do túnel, não há volta. No fim do dia, nunca há prazer; de manhã o corpo sente dever e arrependimento. Mas eles escolheram sonhar.

Mané Garrincha e a bola

O futebol é o seguinte: existiu ele, Mané, e tem ela, a bola. Terá sempre o elenco, jogadores de um time. Mané, o canário corruio, gira sobre si e dribla o adversário. Impõe um chega pra lá, mas se o adversário tivesse utilizado uma das pernas, como ponto de apoio, e como impulsionador o tronco e os braços, teria cometido uma infração punível, com tiro direto livre. Mas, sendo amistoso, e não valia pontos para um torneio ou campeonato, o dono da bola tentou suas ordens: “Bolada nele! Pra ganhar o bicho! Bolada nele!” O que aconteceu com a regra 12? Não foi falta? Aconteceu que era Mané rolando a pelota... Mané pingando a bola... Mané contra a peneira... O dono da bola tentando suas ordens: “Baixar o Mané a cacetadas!” Mané que acaricia a bola de modo delicado, auriverde. Mané (só Mané) ataca em massa, ataca cerrado, como uma blitz... A bola ultrapassa a linha por entre as traves e por debaixo do travessão. É aplicada a regra 10: tento marcado. No fim de jogo, no estádio, arquibancada atônita,

teve uns tais de João-Bofo, teve um tal de Mané. Esgotando-se o tempo regulamentar, a bola é perseguida. Agora é prorrogação. De um lado, 4-4-2, de outro, 4-3-3. Desde o arqueiro (ou guarda-valas, ou guarda-metas), a perseguida rolou enviesada. Passou pelos pés do zagueiro, do meio-campista, até atingir o meio da rua. Na arte de arrematar, longe das quatro linhas... as câmeras e as rádios. E na sua perambulância, a bola: pelota de couro.

Marta e a bola

No futebol é assim: tem a Marta, e tem a bola; as outras é o elenco, jogadoras do time. Marta, danada, vai pra um lado, vai pro outro e dribla a adversária. Dá um empurrão, mas se a marcadora usar uma perna, pra dar apoio, e arredar com o ombro e os braços, fazia falta feia. E é tiro do meio da rua. Só que é amistoso, não vale pontos, não é campeonato. A fominha do outro time fala: “Tira a bola! Vamo ganhar! Tira a bola!” E o VAR? Não é falta? Acontece que é Marta de trivela... Marta cruzando escanteio... Marta molhando a camisa... A fominha do outro time fala: “Tira a bola dela!” Marta Rocha, Maria Chuteira. Marta dá um canhão com o bico... Chuta do meio da rua: gol da Marta! É gol!!! Goleira engoliu frango! Mão furada! No fim de jogo, galera vibrando, tem a firula da Marta. Que finta! Fim de papo. O outro time vai atrás do juiz. Agora é prorrogação. De um lado 5-4-1, de outro 4-4-2.

Desde a goleira a perseguida rola torta, passa pelos pés da zagueira, meia altura, até chegar na intermediária. Perneta! Pé murcho! Pé torta! E longe das quatro linhas, longe das câmeras, malas pretas a todos os jogadores vendidos.

* * *